

João e Maria e a recepção infantil: do conto de fadas tradicional ao contemporâneo

Hansel and Gretel and children's reception: from traditional to contemporary fairy tales

Hansel y Gretel y la recepción infantil: del cuento tradicional al contemporáneo

Renata Junqueira de Souza¹
Cleide de Araújo Campos²
Ana Paula Carneiro³

Resumo

Os contos de fadas são obras clássicas que permanecem vivas ao longo do tempo, seja por meio de versões originais, adaptações ou releituras. Desde cedo, as crianças estão em contato com os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, e através da oralidade, elas se conectam com os bens culturais de diferentes sociedades e culturas. Para introduzir, em sala de aula, esse vasto universo cultural e literário, é necessário um mediador mais experiente. Uma das maneiras eficazes de realizar essa mediação é por meio do trabalho com a literatura em sala de aula. Este estudo tem como objetivo analisar uma prática desenvolvida à partir do conto "João e Maria", comparando as versões dos irmãos Grimm e a adaptação brasileira da autora e ilustradora Rosinha. Entendemos a literatura como um direito universal. Ao serem compartilhadas em situações vivenciadas por leitores mais experientes, as crianças podem aprender as estratégias de leitura necessárias para a compreensão dos textos, tornando-se leitores proficientes. Nesse sentido, quanto mais cedo as crianças forem expostas a situações formais, sistematizadas e planejadas que envolvem estratégias de leitura, maior será a probabilidade de elas compreenderem e apreciarem os textos clássicos e suas releituras. A base teórica deste estudo inclui os trabalhos de Colomer (2007), Solé (1998), Girotto & Souza (2010), além de outros autores que fundamentaram nossas discussões, como Abramovich (1993). Portanto, destacamos que o contato com boas obras literárias durante a infância contribui significativamente para a formação leitora das crianças.

Palavras-chave: Literatura infantil; Estratégias de leitura; Conto de fadas; Leitura de contos.

Abstract

Fairy tales are classic stories that remain alive over time, whether through original versions, adaptations or reinterpretations. From an early age, children are in contact with the knowledge historically accumulated by humanity, and through orality, they connect with the cultural assets of different societies and cultures. To introduce this vast cultural and literary universe into the classroom, a more experienced mediator is needed. One of the effective ways to carry

¹Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Presidente Prudente/SP, Brasil.

E-mail: renata.lit.junqueira@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-2544>

²Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Presidente Prudente/SP, Brasil.

E-mail: emaildacleide6@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0935-3454>

³Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Presidente Prudente/SP, Brasil.

E-mail: ana.p.carneiro@unesp.br - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5349-0064>

out this mediation is through working with literature in the classroom. This study aims to analyze the reception of the story "Hansel and Gretel" by children, comparing the versions by the Brothers Grimm and the Brazilian adaptation by author and illustrator Rosinha. We understand literature as a universal right. When shared in situations experienced by readers with more experience, children can learn the reading strategies necessary to understand texts and they can becoming proficient readers. In this sense, the sooner children are exposed to formal, systematized and planned situations that involve reading strategies, the greater the chance and probability of they understand and appreciate classic texts and their reinterpretations. The theoretical basis of this study includes the works of Colomer (2007), Solé (1998), Giroto & Souza (2010, 2017), as well as other authors who supported our discussions, such as Abramovich (1993). Therefore, we highlight that contact with good literary works during childhood contributes significantly to children's reading development.

Keywords: Children's literature; Reading strategies; Fairy tales; Reading stories; Reception.

Resumen

Los cuentos de hadas son obras clásicas que se mantienen vivas en el tiempo, ya sea a través de versiones originales, adaptaciones o reinterpretaciones. Desde temprana edad, los niños están en contacto con los conocimientos históricamente acumulados por la humanidad, y a través de la oralidad, se conectan con los bienes culturales de diferentes sociedades y culturas. Para introducir este vasto universo cultural y literario en el aula se necesita un mediador más experimentado. Una de las formas efectivas de llevar a cabo esta mediación es a través del trabajo con la literatura en el aula. Este estudio tiene como objetivo analizar la recepción del cuento "Hansel y Gretel" por parte de los niños, comparando las versiones de los hermanos Grimm y la adaptación brasileña de la autora y ilustradora Rosinha. Entendemos la literatura como un derecho universal. Cuando se comparte en situaciones vividas por los lectores con mayor experiencia, los niños pueden aprender las estrategias de lectura necesarias para comprender textos, convirtiéndose en lectores competentes. En este sentido, cuanto antes se exponga a los niños a situaciones formales, sistematizadas y planificadas que involucren estrategias de lectura, mayor será la probabilidad de que comprendan y aprecien textos clásicos y sus reinterpretaciones. La base teórica de este estudio incluye los trabajos de Colomer (2007), Solé (1998), Giroto & Souza (2010, 2017), así como otros autores que apoyaron nuestras discusiones, como Abramovich (1993). Entonces, destacamos que el contacto con buenas obras literarias durante la infancia contribuye significativamente al desarrollo lector de los niños.

Palabras clave: Literatura infantil; Estrategias de lectura; Cuentos de hadas; Leyendo historias; Recepción.

Introdução

Conversando sobre leitura literária

Para Colomer (2007), compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, transformar a recepção individual em uma experiência comunitária que permite interpretações e

avaliações coletivas. A escola desempenha um papel fundamental nesse processo, servindo como ponte que possibilita às crianças atravessar do entendimento individual para um entendimento partilhado dentro de uma comunidade cultural. Essa prática cria um espaço onde os alunos não apenas leem, mas também discutem e refletem sobre as obras literárias, enriquecendo sua compreensão e apreciação dos textos.

De acordo com Solé (1998), situações de ensino/aprendizagem bem estruturadas em torno das estratégias de leitura envolvem a criação de processos de construção conjunta. Nessas situações, o professor atua como um facilitador, oferecendo de acordo com a autora, os "andaimes" necessários para que os alunos possam gradualmente dominar essas estratégias. Inicialmente, essas ajudas são mais intensas, mas à medida que os alunos ganham confiança e habilidade, o suporte é progressivamente retirado, permitindo que desenvolvam independência na leitura.

Na perspectiva das estratégias de leitura, Girotto e Souza (2010) destacam que a criança se forma como leitora ao construir seu conhecimento sobre o texto e a leitura. Assim, o papel do professor como mediador e facilitador é importante para que essa construção ocorra de maneira eficaz, promovendo uma compreensão profunda e autônoma dos textos. Em consonância com as ideias propostas por Girotto e Souza (2010), o processo de socialização da leitura, conforme sugerido por Colomer (2007), e a implementação de estratégias de leitura estruturadas e apresentadas por Solé (1998), convergem para o desenvolvimento integral das competências leitoras nas crianças. Isso ocorre por meio das atividades propostas pelo mediador, que devem ser planejadas, organizadas e implementadas de forma a atender a objetivos pedagógicos claros. A formação do leitor é um processo progressivo, onde as atividades de leitura aumentam em complexidade e independência, estabelecendo as bases necessárias para uma compreensão mais profunda e crítica dos textos literários.

Criança forma-se como leitora, ao construir seu saber sobre o texto e leitura, conforme as atividades que lhe são propostas pelo mediador durante o processo de planejar, organizar e implementar atividades de leitura literária. Esse processo pode atender a um objetivo pedagógico relevante para professor e aluno se for trabalhado de forma progressiva em seu grau de complexidade, com atividades cada vez mais independentes. No entanto, sem uma concepção de leitura voltada a esses fins, não se estabelece as bases orientadoras para a formação do leitor (Girotto; Souza, 2010, p. 54).

Nesse sentido, Abramovich (2009) ressalta a importância da continuidade e sistematicidade no trabalho com a leitura em sala de aula. Segundo ela, é essencial que as crianças ouçam muitas histórias, pois se trata do início do aprendizado para se tornarem leitores. Ser um leitor abre um caminho infinito de descobertas e compreensão do mundo. A leitura regular e diversificada incita a curiosidade, o questionamento e a capacidade de mudar de opinião, promovendo um aprendizado contínuo e dinâmico. A autora argumenta que essas práticas não devem ser eventuais, mas parte integrante do cotidiano escolar. Para que a formação de leitores eficientes ocorra, é importante que o docente preveja e planeje boas situações de aprendizagem focadas na leitura. Essas ações devem ser sistemáticas e integradas ao plano de ensino ao longo de todo o ano letivo. Ao pensar cuidadosamente em atividades que envolvem estratégias de leitura, o professor contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades leitoras nas crianças.

Os contos clássicos e suas adaptações contemporâneas em sala de aula

A utilização de contos clássicos e suas adaptações contemporâneas em sala de aula oferece uma rica oportunidade para aplicar diversas estratégias de leitura, promovendo um entendimento mais profundo e diversificado da literatura. "João e Maria" é o conto escolhido para este trabalho ele foi originalmente apresentado pelos irmãos Grimm, e neste artigo utilizaremos também a adaptação "João e Maria" feita pela autora e ilustradora Rosinha (2020) com o objetivo de exemplificar como diferentes versões de uma mesma história podem ser exploradas para enriquecer a compreensão literária dos alunos. Os contos de fadas clássicos como os dos irmãos Grimm, servem de veículos poderosos para explorar temas universais e morais. Essas histórias oferecem uma base rica para o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica e interpretação textual.

Bettelheim (1976) argumenta que esses contos ajudam as crianças a compreenderem questões complexas sobre a vida e a moralidade, proporcionando um espaço seguro para a exploração de medos e desejos. A adaptação contemporânea de "João e Maria" feita por Rosinha (2020) nos dá oportunidade de apresentar e aplicar as teorias de literatura infantil que enfatizam a importância da contextualização cultural e da atualização temática.

A adaptação de Rosinha (2020), por exemplo, pode incluir elementos visuais e narrativos que dialogam com a realidade brasileira, tornando a história mais acessível e

significativa para os alunos. Levar para sala de aula essas diferentes versões de "João e Maria" permitem a aplicação de diversas estratégias de leitura, que destacam a importância de transformar a leitura em uma experiência social compartilhada. Em sala de aula, essa prática pode ser realizada por meio de atividades que incentivem a discussão coletiva e a interpretação colaborativa dos textos.

Solé (1998) complementa essa abordagem, enfatizando a necessidade de criar situações de ensino/aprendizagem em torno das estratégias de leitura, onde o professor atua como facilitador, guiando os alunos na construção conjunta do conhecimento.

Giotto e Souza (2010) reforçam que a formação do leitor se dá por meio da construção de seu conhecimento sobre o texto e a leitura. Nesse contexto, comparar a versão clássica dos irmãos Grimm com a adaptação de Rosinha (2020) pode ajudar os alunos a desenvolver um entendimento mais rico e crítico da literatura. Eles aprendem a identificar não apenas as diferenças estilísticas e narrativas entre as versões, mas também a compreender as razões culturais e históricas no viés dessas adaptações.

Além disso, a análise de personagens e temas nas duas versões enfatizam a importância do contexto social e são retratados de maneira diferente nas duas versões, os alunos podem desenvolver uma compreensão mais complexa das narrativas e dos valores culturais que elas transmitem. Portanto, ao integrar contos clássicos e suas adaptações contemporâneas no currículo, os educadores podem aproveitar uma ampla gama de práticas pedagógicas para promover uma aprendizagem ativa e envolvente. Essas atividades não apenas enriquecem a compreensão literária dos alunos, mas também os preparam para se tornarem leitores críticos e reflexivos, capazes de apreciar a literatura em suas múltiplas dimensões e contextos.

“João e Maria”: do tradicional ao contemporâneo e as estratégias de leitura

A utilização de contos clássicos e suas adaptações contemporâneas em sala de aula oferece uma rica oportunidade para desenvolver diversas estratégias de leitura. "João e Maria", originalmente escrito pelos irmãos Grimm, e sua adaptação pela autora e ilustradora Rosinha (2020), exemplificam como diferentes versões de uma mesma história podem ser exploradas para enriquecer a compreensão literária dos alunos.

Quadro 1 - Quadro síntese comparando as versões “João e Maria” dos irmãos Grimm e Rosinha (2020)

Comparação de versões	
Uma das estratégias fundamentais é a comparação entre a versão clássica e a contemporânea. Isso envolve atividades como:	
Identificação das semelhanças e diferenças: Os alunos podem listar elementos que permanecem constantes em ambas as versões, como os personagens principais e o enredo central, e elementos que diferem, como o estilo de ilustração, a linguagem e os contextos culturais.	Discussão sobre as adaptações: Explorar por que certos elementos foram modificados na versão contemporânea. Por exemplo, Rosinha pode ter atualizado aspectos do conto para refletir questões modernas ou para torná-lo mais acessível aos leitores de hoje.
Análise de personagens e temas	
Outra estratégia envolve uma análise profunda dos personagens e temas presentes em ambas as versões:	
Caracterização dos personagens: Estudar como João e Maria são retratados nas duas versões. Na versão dos Grimm, os personagens podem ser mais arquetípicos, enquanto na versão de Rosinha, eles podem ser mais complexos ou apresentar novas dimensões.	Exploração dos temas: Identificar e discutir os temas centrais, como a sobrevivência, a inteligência e a bondade. Os alunos podem analisar como esses temas são tratados nas duas versões e o que essas diferenças dizem sobre os contextos históricos e culturais de cada uma.
Desenvolvimento do pensamento crítico	
Utilizar "João e Maria" para desenvolver o pensamento crítico dos alunos é uma estratégia importante:	
Questionamento: Encorajar os alunos a fazer perguntas profundas sobre as motivações dos personagens, as decisões que tomam e as consequências dessas ações. Por exemplo, "Por que João e Maria seguiram migalhas de pão?" ou "Como a adaptação de Rosinha reflete a nossa sociedade atual?"	Debates em sala de aula: Promover debates onde os alunos defendem diferentes interpretações do conto, utilizando evidências textuais para apoiar suas opiniões. Isso pode incluir discussões
Atividades de criação	
Incorporar atividades de criação pode ajudar os alunos a internalizar as estratégias de leitura de maneira mais profunda:	
Reescrita criativa: Pedir aos alunos que escrevam sua própria versão de "João e Maria", incorporando elementos contemporâneos ou culturais específicos da realidade deles. Isso não só reforça a compreensão do texto original, mas também estimula a criatividade e a expressão pessoal.	Ilustração e dramatização: Encorajar os alunos a ilustrar cenas do conto ou a dramatizar partes da história. Essas atividades visuais e performáticas podem ajudar a solidificar a compreensão do enredo e dos personagens.
Contextualização histórica e cultural	
Por fim, contextualizar histórica e culturalmente cada versão do conto é crucial para uma compreensão completa:	
Estudo do Contexto dos Grimm: Discutir o contexto histórico e cultural na Alemanha do século XIX e como isso influenciou os contos dos irmãos Grimm.	Análise do Contexto Contemporâneo: Explorar como a adaptação de Rosinha reflete os valores e preocupações da sociedade brasileira contemporânea.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Os alunos puderam listar elementos que permaneceram nas duas versões, também discutiram sobre as adaptações modificadas na versão contemporânea e compararam como João e Maria são retratados nas duas versões. Foram encorajadas discussões em sala de aula para que os alunos expusessem seu ponto de vista a partir de sua compreensão do texto e conhecimento de mundo.

A utilização de "João e Maria" nas duas versões permite a aplicação de diversas estratégias de leitura que enriquecem a experiência literária dos alunos. Comparação, análise de personagens e temas, desenvolvimento do pensamento crítico, atividades de criação e contextualização cultural são estratégias que não apenas aprofundam a compreensão dos textos, mas também tornam a leitura uma atividade dinâmica e envolvente. Essas práticas ajudam a formar leitores proficientes, capazes de apreciar tanto a literatura clássica quanto as adaptações modernas, e de entender as interconexões culturais e históricas que permeiam essas obras. Apresentaremos a seguir o relato de experiência realizado em sala de aula com a obra "João e Maria".

Relato de experiência com a obra "João e Maria"

Neste artigo, apresentamos um relato de experiência com alunos do 2º ano do ensino fundamental I, de uma escola pública municipal no interior do estado de São Paulo/SP. A professora desenvolveu um trabalho com o conto "João e Maria", utilizando estratégias de leitura para engajar os alunos e aprofundar sua compreensão do texto. A seguir iremos expor como a aplicação das teorias discutidas podem ser concretizada em sala de aula, evidenciando a eficácia das estratégias de mediação na formação de leitores. O projeto foi cuidadosamente planejado para incorporar atividades que não só envolvessem os alunos, mas também facilitasse a construção progressiva de habilidades leitoras. A professora adotou uma abordagem sistemática e interativa, começando com a introdução do conto por meio de leitura oral e discussões em grupo. Essa primeira etapa permitiu que as crianças se familiarizassem com a história e começassem a formar suas próprias interpretações e conexões pessoais com o texto.

À medida que o projeto avançava, foram introduzidas atividades mais específicas de análise textual. As crianças participaram de vivências que envolviam identificar elementos-chave da narrativa, como personagens, cenário, conflitos e resolução. Essas atividades ajudaram a desenvolver habilidades de análise e síntese, permitindo que as crianças compreendessem melhor a estrutura e os elementos fundamentais do conto.

Além disso, a professora utilizou técnicas de leitura guiada, onde os alunos liam trechos selecionados em voz alta, seguidos por discussões orientadas. Essa prática proporcionou um ambiente colaborativo onde as crianças podiam compartilhar suas

interpretações e ouvir as perspectivas dos colegas, enriquecendo sua compreensão coletiva do texto.

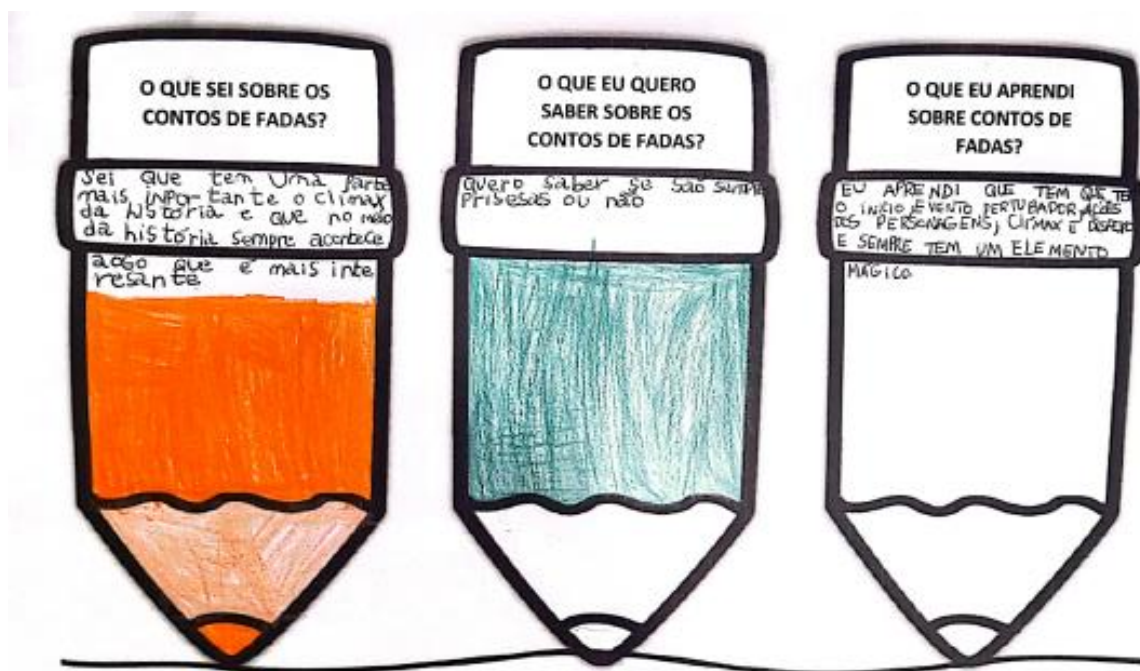
Para aprofundar ainda mais o envolvimento e a compreensão, a professora incorporou atividades criativas, como dramatizações e recontos da história. As dramatizações permitiram que os alunos vivenciassem os eventos do conto de maneira ativa e envolvente, enquanto os recontos estimularam a habilidade de lembrar e reorganizar a narrativa com suas próprias palavras, reforçando a compreensão e a assimilação do conteúdo.

Ao longo do projeto, foram utilizados recursos visuais e audiovisuais para complementar a leitura e tornar o aprendizado mais dinâmico. Ilustrações do conto, vídeos de animações baseadas na história e até mesmo jogos educativos relacionados ao enredo foram introduzidos para diversificar as formas de interação com o texto.

Analisando a recepção da obra “João e Maria” pelas crianças

Ao longo de 2 meses, desenvolvemos e aplicamos o ensino das estratégias de leitura com uma turma de 2º ano do ensino fundamental. Para tanto, utilizamos como gênero textual o conto de fadas. Como metodologia do trabalho pedagógico, utilizamos as oficinas de leitura de Girotto e Souza (2010), pois “as oficinas de leitura são momentos específicos em sala de aula em que o professor planeja o ensino de uma estratégia” (Girotto; Souza, 2010, p. 59), desenvolvendo um trabalho significativo com atividades planejadas e com técnicas guiadas. Iniciamos as oficinas realizando o levantamento dos conhecimentos prévios das crianças sobre o que sabiam sobre contos de fadas. Os alunos preencheram a primeira e a segunda coluna do Gráfico organizador ilustrado na figura 1. Indicando assim, o que já sabiam e o que gostariam de aprender sobre os contos de fadas. Apenas ao final das oficinas, após os alunos terem participado do ensino das estratégias registraram na última coluna o que aprenderam sobre contos de fadas.

Figura 1 - Gráfico organizador conhecimentos prévios



Fonte: Produção dos alunos do 2º ano participantes da oficina.

De acordo com o gráfico organizador preenchido por uma das crianças, podemos perceber que antes de iniciar o trabalho com o gênero conto ela já sabia que ele apresenta uma parte mais importante, que é o clímax da história e que no meio dela sempre acontece algo que é mais interessante. Esse aluno gostaria de saber se é uma regra desse gênero sempre aparecer como personagem princesas.

Uma das atividades finalizadoras do projeto foi o preenchimento da última parte do gráfico. A professora entregou novamente o material e solicitou que eles completassem com o que haviam aprendido sobre o estudo dos contos. Podemos notar que houve um avanço em relação as hipóteses e conhecimento iniciais, pois nesse momento a criança acrescentou as partes composicionais do gênero, como início, evento perturbador, ações dos personagens, clímax, desfecho e que é necessário o aparecimento de um elemento mágico.

Assim como Girotto e Souza (2010), entendemos que “o ensino colaborativo, enfatiza a aprendizagem, o desenvolvimento e a apropriação das estratégias de leitura, por meio das ações de mediadores na leitura-compreensão, em busca da formação do leitor estratégico proficiente; maduro” (p. 49). Nessa perspectiva, ao longo do processo de ensino, as trocas e participações nas aulas por meio de comentários dos alunos são experiências motivadoras

para que ocorra uma aprendizagem sólida e significativa.

Após o levantamento dos conhecimentos prévios, realizamos a “aula introdutória (5 a 10 minutos): momento em que o professor explica aos alunos a estratégia eleita para ser ensinada” (Giroto; Souza, 2010, p. 61). Ensinamos o que são contos de fadas/contos maravilhosos apresentando a estrutura narrativa de Coelho (2000) com os seguintes elementos: designo, viagem, desafio ou obstáculo, mediação mágica e conquista do objetivo, para que as crianças aprendessem a estratégia da sumarização, que consiste em captar a essência do texto.

As crianças realizaram uma prática guiada de leitura destacando os pontos mais importantes do texto “João e Maria” presente na obra *Contos de Fadas* da editora Zahar (2013). Ensinamos os alunos a sumarizar que de acordo com Giroto e Souza (2010), “é aprender a determinar a importância, é buscar a essência do texto” (p. 93). No dia seguinte, as crianças se organizaram em duplas para uma segunda leitura independente e preencheram um gráfico organizador sumarizando o texto. Pois, entendemos que “a habilidade de aprender a encontrar a ideia principal do texto elimina a necessidade das crianças lerem tudo, quando procuram por uma informação específica” (Giroto; Souza, 2010, p. 95).

Figura 2 - Capa do livro *Contos de Fadas* da editora Zahar (2013)

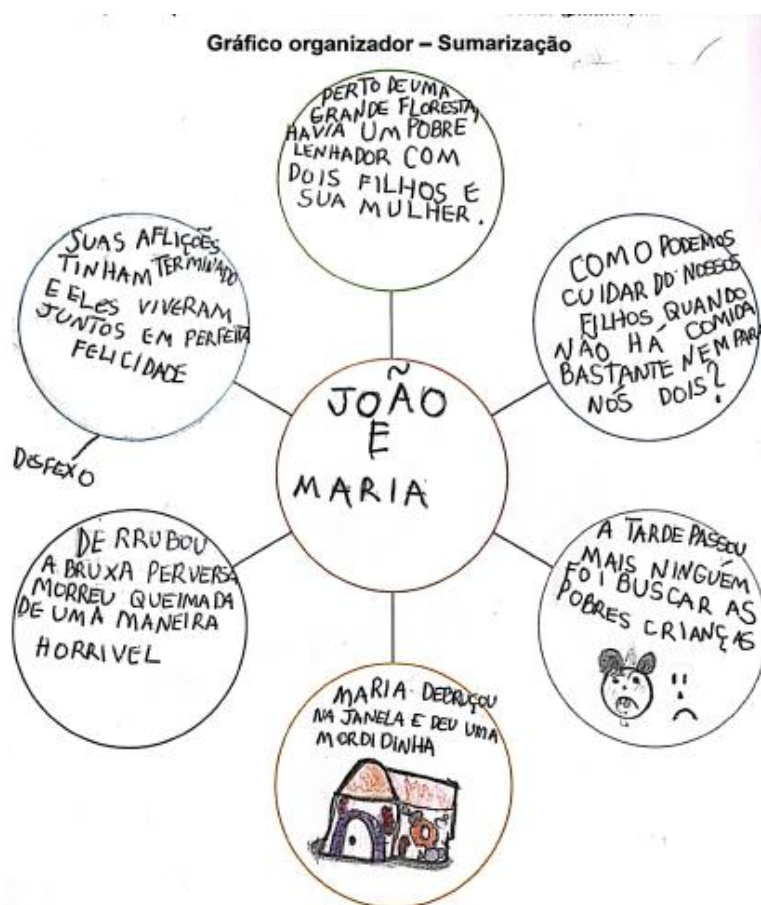


Fonte: <https://www.companhiadasletras.com.br>

Desta forma, as duplas de alunos retomaram as anotações de seus textos e leram as partes destacadas na aula anterior com caneta marca texto. Em cada espaço de um novo

gráfico (estrutura narrativa) deveriam copiar do texto a situação inicial, evento perturbador, as ações dos personagens, o clímax e o desfecho. Assim, “precisam selecionar a informação importante dos detalhes menos importantes. Devem escolher as ideias principais e perceber detalhes que as fundamentam e precisam reconhecer as informações que são auxiliares” (Giroto; Souza, 2010, p. 95), como podemos ver na figura 3 a seguir, que melhor ilustra o que acabamos de afirmar.

Figura 3 - Gráfico organizador - Sumarização



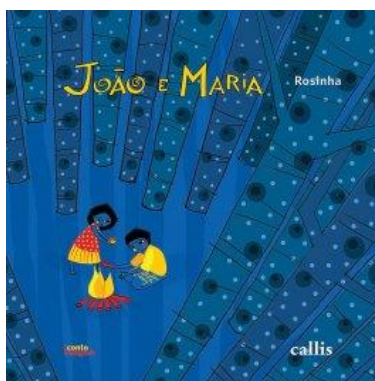
Fonte: Produção dos alunos do 2º ano participantes da oficina (2024).

A partir do que podemos observar do registro da criança na figura 3, percebemos que ela compreendeu e deu destaque para os pontos mais importantes do texto. A situação inicial: perto de uma grande floresta havia um pobre lenhador com dois filhos e sua mulher; conflito: como podemos cuidar dos nossos filhos quando não há comida bastante nem para nós dois; passagem de tempo: a tarde passou, mas ninguém foi buscar as pobres crianças; ações dos personagens: Maria debruçou na janela e deu uma mordidinha e derrubou a bruxa perversa

que morreu queimada de uma maneira horrível; desfecho: suas aflições tinham terminado e eles viveram juntos em perfeita felicidade.

Após o estudo do texto por meio da técnica de sumarização, ensinamos a estratégia de visualização utilizando a obra "João e Maria" da editora Callis (2020), de Rosinha. Para isso, utilizamos a obra ampliada e projetada com o recurso do PowerPoint.

Figura 4 - Capa do livro João e Maria editora Callis (2020)



Fonte: <https://www.callis.com.br>

Sobre essa estratégia sabemos que,

[...] visualizar é, sobretudo, inferir significados, por isso visualização é uma forma de inferência. [...] Quando os leitores visualizam, estão elaborando significados ao criar imagens mentais, isso porque criam cenários e figuras em suas mentes enquanto leem, fazem com que eleve o nível de interesse e, assim, a atenção seja mantida [...] (Giroto; Souza, 2010, p. 85).

Na sequência, após os alunos discutirem sobre as sensações e sentimentos experimentados a partir das ilustrações do livro de imagem, as crianças traduziram essas percepções/visualizações em suas próprias ilustrações. Elas retrataram as cenas que mais lhes chamaram a atenção, elaborando significados mentais e visualizando o texto de maneira única. Dessa forma, conseguiram inferir as mensagens subliminares que a autora pretendia transmitir.

Durante a observação participante, as crianças relataram que foi possível perceber a tristeza expressa nos rostos das crianças e do pai, podemos verificar no registro feito pela criança a seguir algumas lágrimas na expressão dos personagens.

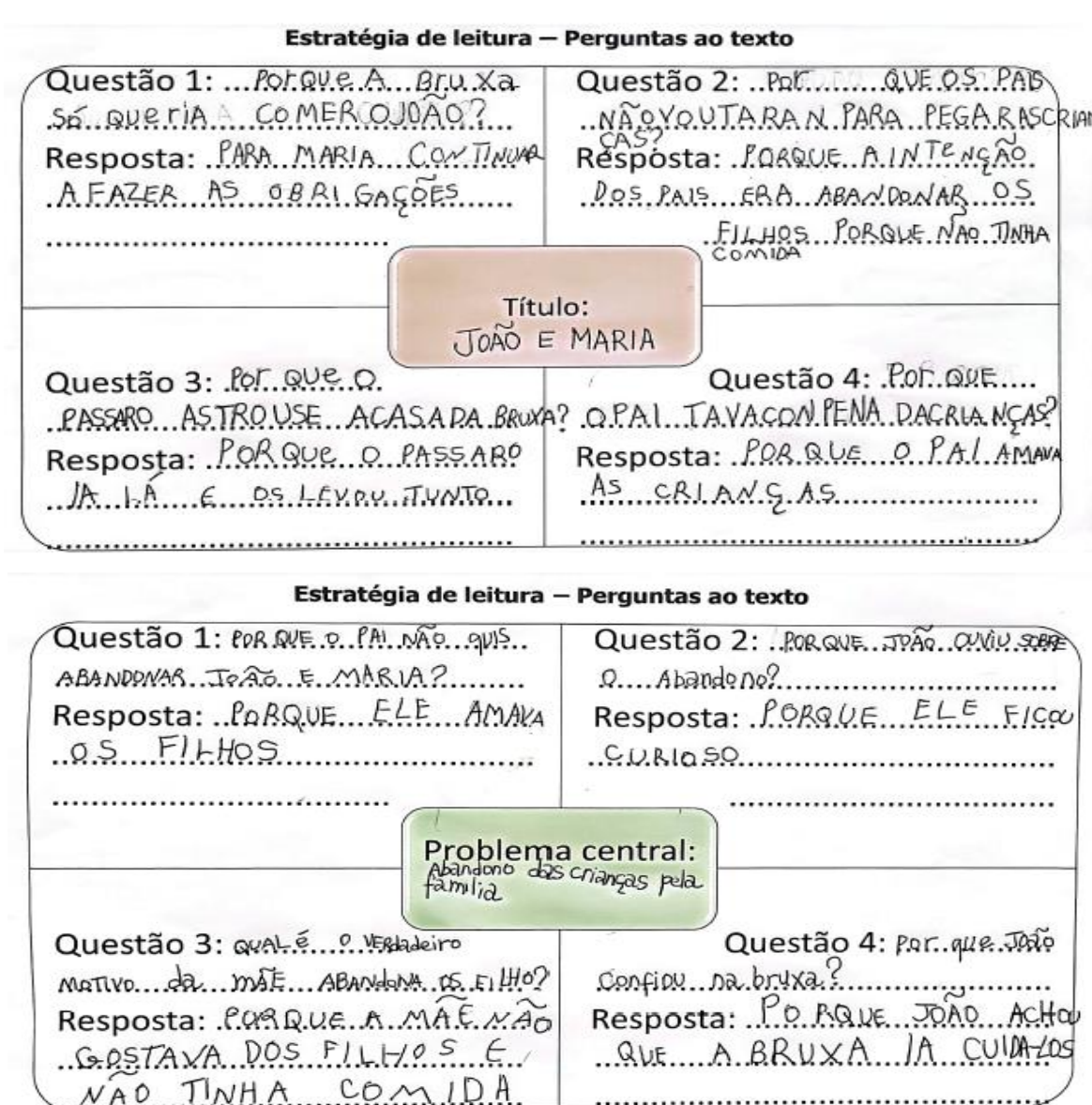
Figuras 5 e 6 - Oficina de visualização



Fonte: Produção dos alunos do 2º ano participantes da oficina (2024).

Na última parte das oficinas de estratégias de leitura, revisitamos o texto dos irmãos Grimm, “João e Maria” publicado pela editora Zahar (2013) com o objetivo de aprofundar a análise crítica e a compreensão dos alunos. Este exercício foi estruturado em duas fases distintas, cada uma com um enfoque específico para maximizar o aprendizado e a habilidade de formular perguntas ao texto. Na primeira fase, os alunos foram organizados em duplas e instruídos a elaborar questões mais simples e diretas sobre a história. Essas perguntas deveriam focar em aspectos básicos da narrativa, como os personagens, o enredo, e os eventos principais. Após a criação das perguntas, cada dupla trocou suas questões com outra dupla, que então tinha a tarefa de responder às perguntas recebidas. Este exercício inicial visava não apenas verificar a compreensão básica da história, mas também incentivar a colaboração e o diálogo entre os alunos. Na segunda fase, o exercício foi aprofundado. As duplas foram incentivadas a formular perguntas mais complexas e reflexivas, focando na problemática central do conto: o abandono das crianças pela família. Nesse momento, os alunos foram encorajados a explorar temas mais profundos e as motivações dos personagens, além de discutir as implicações morais e sociais presentes na narrativa. As perguntas deveriam provocar uma análise crítica, considerando o contexto histórico e cultural da história e as suas diferentes interpretações possíveis.

Figura 7 - Gráfico organizador de perguntas ao texto 1 e 2



Fonte: Produção dos alunos do 2º ano participantes da oficina (2024).

Durante o ensino de perguntas ao texto, as crianças puderam discutir entre si as possíveis respostas para as questões elaboradas. Muitas vezes, elas não estavam explícitas no texto, desta maneira precisaram fazer um grande esforço mental, inferindo possíveis significados e chegaram a conclusão que era preciso compreender o contexto e o momento social em que o conto foi escrito para aprofundar seus conhecimentos sobre o problema central destacado por elas: o abandono das crianças (João e Maria) pela família.

Dessa maneira, as oficinas contribuíram para que as crianças avançassem para além

das respostas óbvias e explícitas e elaborassem a partir do diálogo sobre o texto uma compreensão crítica sobre obra, nesse sentido, utilizando-se das estratégias de leitura, a partir de Girotto; Souza (2010; 2017), que nos indicam que a compreensão textual é um processo complexo que envolve a interação entre o leitor e o texto. Essas autoras têm destacado a importância das estratégias de leitura para melhorar essa compreensão, especialmente a ativação de conhecimentos prévios e a utilização das estratégias que envolvem o ensino de inferência e da visualização no campo da leitura e compreensão textual, explorando como essas estratégias podem ser implementadas de forma eficaz no ambiente educacional.

De acordo com Girotto; Souza (2010), bons leitores geralmente iniciam o processo de leitura ativando seus conhecimentos prévios, o que pode ser diretamente relacionado às ideias do texto. Essas práticas, que envolvem a ativação de conhecimentos prévios, contribuem positivamente na compreensão leitora (Girotto; Souza, 2010, p. 50). Quando os leitores conseguem fazer conexões com suas experiências pessoais e conhecimentos prévios, o entendimento do texto torna-se mais facilitado e enriquecido. Ensinar as crianças a ativar esses conhecimentos, assim como seus conhecimentos textuais, é fundamental para a compreensão plena dos textos (op. cit., p. 67).

A habilidade de inferir e fazer conexões é um recurso essencial que promove um diálogo contínuo entre o leitor e o texto. Quando os alunos inferem e realizam conexões, eles utilizam seus conhecimentos prévios e as informações textuais para estabelecer expectativas sobre o conteúdo do texto (Girotto; Souza, 2010, p. 76). Essa interlocução com o texto é fundamental para criar uma leitura ativa e engajada, onde o leitor está constantemente testando e ajustando suas hipóteses sobre o texto.

A visualização é outra estratégia crucial para a compreensão textual. Visualizar significa, sobretudo, inferir significados ao criar imagens mentais dos conteúdos lidos. Quando os leitores visualizam, eles elaboram significados ao criar cenários e figuras em suas mentes, o que eleva o nível de interesse e mantém a atenção (Girotto; Souza, 2010, p. 85). Esse processo não só facilita a compreensão, mas também torna a leitura uma experiência mais envolvente e memorável.

Por fim, os leitores utilizam as evidências do texto para formar opiniões e entender as grandes ideias e situações apresentadas. Ao articular essas informações com suas próprias opiniões, os leitores desenvolvem uma compreensão mais profunda e crítica do texto (Girotto; Souza, p. 101). Essa capacidade de integrar novas informações com as pré-existentes é

essencial para o desenvolvimento de uma leitura crítica e reflexiva.

As estratégias de ativação de conhecimentos prévios, inferência, predição e visualização são fundamentais para uma compreensão textual eficaz. Essas técnicas não apenas melhoram a capacidade de leitura, mas também promovem uma abordagem crítica e analítica dos textos, contribuindo para a formação de leitores proficientes e cidadãos bem informados. A implementação dessas estratégias no ambiente escolar é crucial para o desenvolvimento de habilidades de leitura avançadas e deve ser incentivada desde os primeiros anos de escolarização.

De acordo com Girotto e Souza (2010), para promover a compreensão leitora, é importante que o professor planeje uma série de ações intencionais que envolvam o ensino de estratégias de leitura. Como já ressaltado anteriormente, essas estratégias incluem a ativação dos conhecimentos prévios, a conexão entre texto-texto, texto-leitor e texto-mundo, a inferência, a visualização, a sumarização e a síntese. Bons leitores ativam seus conhecimentos prévios antes mesmo de começarem a ler, inferindo o tema do texto com base no que já sabem e buscando conexões relevantes. Eles procuram pistas no texto para encontrar informações importantes e questionam as escolhas do autor ou ilustrador, formando suas próprias opiniões. Durante a leitura, estabelecem inferências e criam imagens mentais que auxiliam na compreensão, permitindo que, ao final, possam sumarizar e sintetizar as ideias principais do texto. As oficinas de estratégias de leitura são um exemplo eficaz de planejamento organizado e intencional. Nelas, o professor ensina uma estratégia por vez de forma sistemática, ajudando os alunos a estruturar suas aprendizagens em torno dos textos e a avançar na compreensão leitora. Para uma genuína compreensão leitora, os alunos devem aprender a ativar seus conhecimentos prévios e estabelecer relações com o que já conhecem. Isso pode incluir relacionar o texto atual a outros textos lidos anteriormente sobre o mesmo tema, conectar-se a experiências pessoais ou relacionar o conteúdo a conhecimentos gerais do mundo. Fazer perguntas ao texto é outra prática valiosa, ajudando os leitores a inferir e antecipar os próximos acontecimentos da narrativa ou a reconsiderar suposições anteriores. A inferência está diretamente ligada à visualização; leitores que inferem são capazes de criar imagens mentais que auxiliam na compreensão, dando significado ao que foi lido ou ouvido com base nas sensações e percepções experimentadas durante a leitura. Durante a sumarização, os leitores organizam as ideias principais do texto, distinguindo o que é essencial dos detalhes. Leitores proficientes conseguem sintetizar a informação lida, relacionando-a aos seus

conhecimentos prévios e reformulando novos conhecimentos a partir do texto, criando sentido e compreensão. Em resumo, essas estratégias não apenas melhoram a capacidade de compreensão leitora, mas também ajudam a formar leitores críticos e independentes, capazes de interagir de maneira profunda e significativa com os textos, pois

[...] os pequenos leitores de literatura infantil se formam como leitores porque aprendem a ler, não porque pronunciam as palavras, nem porque as veem, mas porque estabelecem ligações entre o conjunto de sentido por elas formado e o conjunto de sentidos que constituem suas experiências de vida (Arena, 2010, p. 41).

A afirmação de Arena ressalta a natureza social e cultural das crianças, destacando como a interação com a literatura infantil facilita a apropriação de outras culturas. Esse contato estabelece um diálogo dinâmico entre autor, texto e leitor, permitindo que as crianças criem suas próprias impressões e compreensões do que foi lido ou apresentado. Mesmo antes de dominar a leitura convencional, as crianças têm a oportunidade de pensar e compreender a organização da palavra escrita, desenvolvendo sentidos para os textos a partir de suas experiências leitoras.

Os significados atribuídos ao texto emergem das necessidades humanizadoras do ato de ler e das experiências anteriores compartilhadas pelas crianças. A literatura e a cultura têm um vínculo íntimo, refletindo o contexto cultural de cada época. Assim, a criança utiliza seus conhecimentos prévios para dar sentido aos textos, demonstrando que a cultura humana engloba tanto objetos materiais quanto elementos intangíveis.

O leitor confere vida ao texto, e o entendimento deste está intrinsecamente ligado às experiências vividas pelo leitor. A leitura, portanto, é uma relação ampliada e profunda entre texto e contexto, marcada por uma incompletude inerente. Para que essa troca de experiências e conhecimentos ocorra de maneira eficaz, é essencial que as crianças tenham acesso direto e manipulem os livros por si mesmas. As relações e interações que se estabelecem no entorno da leitura são fundamentais para garantir o desenvolvimento de habilidades leitoras.

Um espaço bem organizado e com um acervo vasto de livros só terá impacto significativo se houver relações de compartilhamento e troca entre os leitores. A criança aprende a ser leitora através das experiências compartilhadas com outros leitores, observando e imitando gestos e comportamentos que moldam seu desenvolvimento como leitora.

Portanto, a formação do leitor é um processo social e cultural, onde as interações e trocas com outros leitores desempenham um papel crucial. As experiências vividas e compartilhadas moldam os gestos do leitor, destacando a importância de um ambiente de leitura rico em interações humanas para o desenvolvimento pleno das habilidades de leitura nas crianças.

É crucial que o professor possua um repertório de leitura com boas obras, conheça-as previamente e planeje suas práticas considerando também os espaços mediadores da leitura. Não basta apenas oferecer livros; é necessário mediar essas experiências em um ambiente adequado, levando em conta as necessidades das crianças, pois “as vivências literárias, em entornos propícios, são as que melhor efetivam adequadas e produtivas mediações de leitura na direção da humanização da infância por meio de uma Educação Literária de qualidade” (Souza; Girotto, 2017, p.156-157).

Desta maneira, a citação de Souza e Girotto (2017) destaca a importância fundamental de proporcionar experiências literárias em ambientes adequados para efetivar mediações de leitura produtivas e significativas. Elas argumentam que essas vivências literárias, quando realizadas em contextos propícios, são particularmente eficazes para promover a humanização da infância através de uma educação literária de qualidade.

Essa perspectiva destaca que a simples disponibilização de livros não é suficiente; é necessário criar ambientes que favoreçam a interação das crianças com a literatura de maneira enriquecedora. Espaços bem planejados, que considerem as necessidades e interesses das crianças, permitem que as experiências literárias sejam mais envolventes e impactantes. Dessa forma, as mediações de leitura tornam-se não apenas um ato de ler, mas uma prática educativa profunda que contribui para o desenvolvimento emocional, social e intelectual das crianças.

Além disso, ao enfatizar a humanização da infância, Girotto e Souza (2010) ressaltam o papel da literatura na formação integral dos jovens leitores. Através de uma educação literária de qualidade, as crianças têm a oportunidade de explorar diferentes perspectivas, desenvolver empatia e refletir sobre suas próprias experiências e o mundo ao seu redor. Portanto, a mediação de leitura em ambientes propícios não apenas incentiva a habilidade de leitura, mas também promove o crescimento pessoal e cultural das crianças, preparando-as para serem cidadãos conscientes e críticos.

Desta forma,

[...] o professor precisa planejar e definir, intencionalmente, atividades cada vez mais complexas para que o leitor possa adquirir autoconfiança e, nesse processo, seja capaz de redefinir para si próprio as operações e ações contidas na atividade de ler, constituindo-se aí a aprendizagem de estratégias de leitura. (Giroto; Souza, 2010, p. 53)

Podemos destacar a partir de Giroto; Souza (2010), a importância do papel do professor na promoção da autonomia do aluno na leitura. Elas enfatizam que o professor deve planejar e implementar atividades progressivamente complexas, com o objetivo de permitir que o leitor desenvolva autoconfiança e adquira estratégias de leitura de forma autônoma.

Nesse contexto, o processo de aprendizagem da leitura não se limita apenas à decodificação das palavras, mas também envolve a compreensão e a aplicação de diferentes estratégias de leitura. O professor atua como um mediador experiente, fornecendo apoio e orientação conforme necessário, como podemos observar a partir do relato apresentado nesse artigo. Desta maneira, gradualmente vai se permitindo que o aluno assuma um papel mais independente na sua prática de leitura.

Portanto, queremos destacar nesse artigo, a importância do professor como facilitador e mediador do desenvolvimento da competência leitora dos alunos, fornecendo um ambiente de aprendizagem estimulante e desafiador que promove a autonomia e a autoconfiança na prática da leitura.

Considerações finais

Com o objetivo de analisar uma prática desenvolvida a partir do conto “João e Maria”, comparando as versões dos irmãos Grimm e a adaptação brasileira da autora e ilustradora Rosinha, utilizando as oficinas de leitura, apresentando como foram desenvolvidas as atividades com uma turma de 2º ano do ensino fundamental, descrevendo suas práticas e assim pudemos perceber como diferentes versões de uma mesma história podem ser exploradas para enriquecer a compreensão literária dos alunos.

Este relato de experiência destaca como a implementação dessas estratégias de leitura, de forma estruturada e progressiva, pode efetivamente contribuir para o desenvolvimento das habilidades de compreensão textual em crianças.

Como resultados podemos verificar que a abordagem adotada não só facilitou a internalização dos elementos literários do conto "João e Maria", mas também promoveu um ambiente de aprendizagem colaborativo e estimulante, essencial para a formação de leitores proficientes e engajados.

A formação da criança como leitora ocorre à medida que ela constrói seu conhecimento sobre o texto e a leitura, através das atividades propostas pelo mediador durante o planejamento, organização e implementação de atividades de leitura literária. Esse processo deve ser progressivo em termos de complexidade, com atividades cada vez mais desafiadoras e independentes, atendendo a objetivos pedagógicos relevantes tanto para o professor quanto para o aluno. Para que a formação do leitor seja eficaz, é essencial que haja uma concepção de leitura claramente direcionada para esse propósito. A falta de uma abordagem intencional e estruturada impede o estabelecimento das bases orientadoras necessárias para o desenvolvimento das habilidades de leitura. Portanto, para formar leitores proficientes, é relevante que os educadores planejem e implementem atividades de leitura de forma sistemática e progressiva, garantindo que as crianças possam desenvolver suas capacidades de maneira independente e autônoma. Essa abordagem não apenas facilita a compreensão textual, mas também promove a capacidade crítica e a apreciação literária, essenciais para a formação de leitores participativos e reflexivos. O contato com boas obras literárias durante a infância é fundamental para a formação de leitores. As histórias não apenas criam vínculos afetivos com seus leitores e ouvintes, mas também permitem que as crianças entrem em um universo experimentado por leitores de outros tempos e espaços. Mediar o texto literário vai além de simplesmente ler em voz alta para as crianças. Trata-se de estabelecer conexões de sentido com o que foi lido ou contado, o que só é possível quando o mediador realiza essa tarefa de maneira consciente e intencional, com um repertório adequado e conhecimentos prévios que permitam o planejamento efetivo dessas ações. A formação de leitores ocorre quando as crianças têm a oportunidade de interagir com os livros por conta própria.

Nesse sentido, as atividades demonstradas a partir das leituras do conto de fada “João e Maria” dos Grimm e do livro de imagem de Rosinha evidenciaram que a leitura é uma experiência individual e única para cada pessoa, fundadas nas discussões sobre os textos, cada criança pode expressar a sua compreensão sobre as duas obras a partir de seus conhecimentos prévios, bem como, mudar seu pensamento a partir do ponto de vista dos outros colegas resultante da relação estabelecida entre o texto/livro e o leitor. Mas quando há mediação e

interações e principalmente, quando se estabelece uma motivação para leitura, a compreensão é facilitada. E ler na escola, se torna sinônimo de prazer.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

ARENA, D. B. **A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita**. In; ARENA, D. B. ; GIROTTTO, C G. G. S.; SOUZA, R. J. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 13-44.

BAJARD, E. **Ler e dizer: Compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 2005.

BETTELHEIM, B. "**The Uses of Enchantment: The Meaning and Importance of Fairy Tales**." Knopf. 1976.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, T. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

GIROTTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. de. **Estratégias de leitura: Para ensinar alunos a compreender o que leem**. In: GIROTTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. de. **Ler e compreender: Estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **João e Maria**. In: TATAR, Maria. **Contos de fadas**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ROSINHA. **João e Maria**. 1. ed. São Paulo: Callis, 2020.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, R. J.; [GIROTTTO, C. G. G. S.](#) . **Do berço à bebeteca: ações para educação literária na creche**. In: Nogueira, A.L.; Laplane. A.L.F. (Org.). **Leitores e leituras: explorando as dobras do (im)possível**. 1ed.Campinas: Edições Leitura Crítica: ALB, 2017, v. 1, p. 141-167.

Recebido: julho/2024.
Publicado: outubro/2024.